



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ÁLISSON FONTENELE SOARES

**Eleição presidencial peruana de 1990 a partir dos periódicos  
Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa**

BRASÍLIA  
2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ÁLISSON FONTENELE SOARES

**Eleição presidencial peruana de 1990 a partir dos periódicos  
Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

BRASÍLIA  
2022

## RESUMO

Neste texto, busca-se analisar a disputa presidencial de 1990 no Peru, a partir da visão dos periódicos Tribuna da Imprensa e Jornal do Brasil, como eles relataram e se posicionaram durante a corrida presidencial. A eleição teve como destaque, desde o início, o famoso escritor, intelectual e político neoliberal Mario Vargas Llosa. As impressões que os periódicos dedicam à figura de Vargas Llosa demonstram admiração pelo talento, pela ideologia neoliberal, e pela divulgação de seus trabalhos que já eram difundidos pelo mundo. Para os periódicos e para a historiografia, Llosa foi destacado como o candidato favorito a vencer as eleições no Peru, e como esperado, ele venceu no primeiro turno. O que não se esperava era uma queda drástica de Vargas Llosa e a ascensão de um candidato até então desconhecido no mundo político, o engenheiro agrônomo de ascendência japonesa, Alberto Fujimori. Ele teve um grande crescimento durante a campanha e acabou criando um incômodo ao seu adversário, chegando ao segundo turno e superando-o nas pesquisas poucos dias antes da eleição. Fujimori acabou eleito presidente do Peru com uma folgada margem de erro, em uma eleição marcada por reviravoltas. A década de 1990 foi frisada por um pensamento que afirmava que o liberalismo havia vencido as ditaduras. A partir dos periódicos citados, busca-se entender a atuação do grupo subversivo Sendero Luminoso no período eleitoral. Por fim, pretende-se analisar as tentativas de explicações que são elencadas para a repentina e consistente ascensão do “fenômeno Fujimori”.

**Palavras-Chave:** Eleição. Imprensa. Peru. Neoliberalismo. Sendero Luminoso.

*Es verdad que si la presidencia del Perú no hubiera sido, como le dije bromeando a un periodista, el oficio más peligroso del mundo, jamás hubiera sido candidato.*

**(Vargas Llosa, 1993)**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>1 CONTEXTO E BIOGRAFIAS</b>	<b>10</b>
1.1 O Tempo do Neoliberalismo	13
1.2 Sendero Luminoso	17
1.3 Biografias	20
<b>2 PRATICAMENTE ELEITO</b>	<b>23</b>
<b>3 FENÔMENO FUJIMORI</b>	<b>26</b>
3.1 O Plano Collor	27
3.2 Apoio das Esquerdas	29
3.3 O Fator Étnico	30
3.4 O Fator Religioso	33
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Para esta monografia, foram usados periódicos brasileiros de 1990 que comentam a disputa presidencial da eleição do Peru. Os jornais analisados foram a Tribuna da Imprensa e o Jornal do Brasil, ambos do Rio de Janeiro. A escolha desses dois jornais se deveu à importância e relevância no contexto nacional, ao conteúdo relacionado à política externa latino-americana, além da tradição em assuntos políticos. As fontes foram lidas e selecionadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A pesquisa por meio dos periódicos deve levar em consideração a subjetividade da fonte, identificando o seu local de produção, as motivações ideológicas e tendenciosas do jornal, do jornalista que escreveu o periódico etc. Os fatos contidos nos periódicos não são descritos tal como aconteceram, o que não é característica própria dos periódicos, já que nenhuma fonte possui objetividade no sentido de reconstrução verdadeiramente efetiva do passado. Outro cuidado a se tomar é o de não recorrer às fontes periódicas apenas como um receptáculo das perguntas do pesquisador, a qual ele iria apenas confirmar suas hipóteses diante da imensa produção que os periódicos oferecem.<sup>1</sup> Os jornalistas compartilham crenças ideológicas como qualquer outro indivíduo. Além disso, os padrões de recrutamento profissional e as rotinas produtivas nas redações incorporam consciente ou inconscientemente valores culturais e políticos.<sup>2</sup> Porém, busca-se superar a visão de que a imprensa é subordinada e apenas reprodutora de um discurso ideológico dominante. Nessa perspectiva, baseada na teoria da dominação, perde-se o processo de iniciativa midiático e ignora as contradições existentes. Para que haja acontecimento, é preciso que ele seja conhecido, e os jornalistas são os primeiros a apresentá-lo. O historiador deve reconhecer que os jornalistas são, ao mesmo tempo, testemunhas e atores e, em muitos casos, porta-vozes de partidos políticos, organizações etc.<sup>3</sup> Por fim, as fontes devem passar pelo crivo da crítica, atividade do historiador.

---

<sup>1</sup> LUCA, Tânia Regina de. “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: contexto, 2010.

<sup>2</sup> AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 88-113.

<sup>3</sup> ABREU, Alzira Alves. “Introdução”. In ABREU, Alzira Alves (org.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

O Jornal do Brasil foi fundado por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco em 9 de abril de 1891, no Rio de Janeiro. Ele nasceu monarquista, com intenção de criticar o sistema republicano, que havia iniciado em 1889<sup>4</sup>. O Jornal do Brasil pode ser definido como um veículo conservador, ideologicamente liberal tanto do ponto de vista do ideário econômico, quanto das crenças políticas. Em 1964, o jornal foi um dos apoiadores da intervenção militar. Porém, juntamente com a grande imprensa brasileira, passou de apoiador do regime militar para uma oposição liberal e moderada. Em 1990, o periódico apoiou o início do governo Collor, mas com os andamentos do Plano Collor passou a adotar posição mais crítica.<sup>5</sup> Uma das linhas que caracterizou o jornal foi sua capacidade de aglutinação de grandes nomes da política e da intelectualidade, que o tornaram pólo de debates políticos e culturais.<sup>6</sup> Já o Jornal Tribuna da Imprensa, foi fundado em 27 de dezembro de 1949 por Carlos Lacerda. Em 1962, foi adquirido pelo jornalista Hélio Fernandes, que o dirigiu até sua morte, aos 100 anos, em 2021. O periódico foi criado depois que Carlos Lacerda foi afastado do Correio da Manhã, representando as principais proposições da União Democrática Nacional (UDN), e que viria a fazer oposição às forças remanescentes do getulismo. O jornal também apoiou o movimento militar que depôs o presidente Goulart. Entretanto, a partir da promulgação do Ato Institucional nº 1, em 9 de abril, a Tribuna da Imprensa começou mais uma vez a fazer oposição ao governo. Durante o governo Collor, a Tribuna da Imprensa se posicionou contra o processo de impeachment do então presidente, alegando que se em 1964 tivemos uma “quartelada militar”, em 1992 tivemos uma “quartelada parlamentar”. Deixou de circular em papel em 2 de dezembro de 2008, mantendo, porém, uma edição online.<sup>7</sup>

A História é um processo complexo que envolve realidades variáveis de sujeitos individuais e sujeitos coletivos. A história política é um exemplo dessa cadeia de realidades heterogêneas. Em uma eleição, têm-se diferentes candidatos individuais com suas histórias pessoais e que se dispuseram a viver uma vida pública e política, personagens que se dedicam à militância política e partidária, ao mesmo tempo que se tem o público eleitor composto por milhões de pessoas individuais que se apresentam como um coletivo para decidir o futuro do

---

<sup>4</sup>JORNAL DO BRASIL. FGV, 2009, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso em: 26 Mar. 2022.

<sup>5</sup> AZEVEDO, F. A., *op. cit.*

<sup>6</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. In ABREU, Alzira Alves (org.), *op. cit.*

<sup>7</sup>TRIBUNA DA IMPRENSA. FGV, 2009, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>. Acesso em: 28 Mar. 2022.

país, por meio do direito democrático do voto. Essas dinâmicas – muitas vezes consensuais, e em outras conflituosas – apresentam resistências e discordâncias.<sup>8</sup>

A pesquisa foi um esforço para analisar a corrida presidencial da eleição peruana, em 1990, a partir da leitura e análise dos artigos e editoriais dos periódicos. No caso das críticas às propostas neoliberais do plano de governo de Vargas Llosa, a pesquisa faz uma abordagem mais enfática sobre o periódico e a situação política do Brasil do que sobre o processo político peruano. Busca-se analisar a influência da política brasileira nas eleições peruanas, no que diz respeito às políticas neoliberais do governo Collor, principalmente o desenvolvimento do plano Collor, e como se alinhou às políticas promovidas pelo plano de governo de Vargas Llosa. Ao analisar a relação entre a eleição peruana e as políticas econômicas do governo Collor, percebe-se que os periódicos, ao comentarem a eleição peruana, também discutem a política interna nacional e o desenvolvimento do governo Collor. No início de 1990, Vargas Llosa fez duas visitas a Fernando Collor, recém-eleito presidente no Brasil. Essas visitas movimentaram os periódicos e causaram opiniões diversas sobre a influência de Collor na eleição peruana. Nota-se então, uma disputa de opiniões: de um lado, o jornalista que acredita que a visita de Llosa ao Brasil é um dos principais motivos de sua queda, e do outro, aquele que acredita que as propostas de governo de Llosa se distanciam de tudo proposto por Collor.

Mario Vargas Llosa, do partido Frente Democrática, desde o princípio foi indicado como o grande favorito a ganhar as eleições e se tornar presidente do Peru. Referente a criação da Frente Democrática, Cotler afirma que:

En acusado contraste con las tendencias a la desintegración en el APRA y la izquierda. Vargas Llosa logró integrar AP y el PPC y su propio Movimiento Liberal en el Frente Democrático (FREDEMO). No lo consiguió sin dificultad. De hecho, los obstáculos que pusieron los líderes de estos partidos — Belaúnde Terry y Bedoya Reyes [...]. Con todo, el ultimátum hizo que los partidos aceptaran las condiciones de Vargas Llosa y le reconocieran como líder indiscutido del FREDEMO.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia”. In DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (org). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

<sup>9</sup> COTLER, Julio. “Perú, 1960-1990”. In BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina: los países andinos desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 103.

Fujimori era candidato do movimento independente Cambio 90, “que agrupaba a pequeños industriales, comerciantes y microempresarios ‘informales’, profesionales y pastores evangélicos”.<sup>10</sup>

Esta monografia buscou identificar o contexto histórico e político no qual esses candidatos se inseriram e aspectos de suas biografias pertinentes ao texto, como a formação educacional e o início da vida política. Também a atuação do grupo guerrilheiro maoísta Sendero Luminoso durante o período eleitoral. O grupo se dedicou a fazer com que a eleição não ocorresse, seja pela via do convencimento, através do discurso desestimulando o voto, seja pela via da violência, fazendo ameaças ou promovendo ataques terroristas. A partir dos periódicos, analisar o crescimento de um candidato desconhecido que chega até o segundo turno causando incômodos ao candidato tido como favorito. Llosa era realmente favorito? Como um candidato desconhecido pôde derrotar o famoso escritor com divulgação internacional? Analisar também se os periódicos destacam possíveis causas dessa ascensão que levou Fujimori a ser eleito presidente do Peru. Se sim, quais as causas da ascensão para os periódicos? Como eles relatam e se posicionam diante disso? Para tentar responder essas perguntas, buscamos relacionar uma bibliografia para a interpretação dos fatos à luz da interpretação das fontes periódicas.

---

<sup>10</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo. **Demonios y redentores en el nuevo Perú**. Una Tragedia en dos vueltas. Lima: IEP, 1991, p. 11.

## DESENVOLVIMENTO

### 1 CONTEXTO E BIOGRAFIAS

A história do Peru no século XX é marcada pela instabilidade. A segunda metade do século XX peruano foi marcada pela fragilidade das instituições democráticas, violações aos Direitos Humanos, e pela incapacidade de solucionar problemas característicos de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais.<sup>11</sup> Em 1979, com o início da reforma constitucional, o país se encontrava em um processo de democratização, assim como o povo passava pela experiência de redemocratização, após um período de ditadura militar (1968-1980) e de governos instáveis e corruptos.

No início da década de 1960, o quadro político peruano passava por significativas transformações, levando em consideração as mudanças ocorridas na economia e na sociedade. A forte mobilização camponesa ameaçou a ordem vigente, ao atacar diretamente o pacto que existia entre a burguesia, os latifundiários e o imperialismo com finalidade de controlar a atuação das massas rurais indígenas.<sup>12</sup> Segundo Cotler,

As lutas classistas dos operários e empregados, prejudicavam o controle monopolístico mantido sobre a sociedade e o Estado pela coalizão dominante, por intermédio do APRA. [...] A formação dos primeiros grupos de esquerda revolucionária, alentados pela revolução cubana, rompeu o imobilismo do Partido Comunista. Ao penetrar nas universidades, estes grupos desalojavam o APRA da direção estudantil, instaurando uma corrente que logo se tornou hegemônica, de natureza antioligárquica, antiimperialista e socialista, atacando as bases ideológicas do sistema de dominação.<sup>13</sup>

O partido APRA, fundado por Haya de la Torre em 1924, passou a ser fundamental na nova conjuntura política da burguesia oligárquica, uma vez que mantinha controle sobre as

---

<sup>11</sup> HERZ, Mônica. “Política e relações internacionais no Peru”. In ARAÚJO, Heloisa Vilhena (org.). **Os países da Comunidade Andina**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, v. 2, 2004.

<sup>12</sup> COTLER, Julio. **Peru: classes, Estado e nação**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2006.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 275.

massas organizadas e servia como intermediário entre a classe dominante e as massas populares.<sup>14</sup>

Outro partido de maior envergadura política foi o Ação Popular, fundado em 1950. Rapidamente, o partido passou a competir com a APRA pela hegemonia sobre as classes médias e setores populares. O seu fundador, o arquiteto Belaúnde Terry, afirmava que para concretizar a “ação popular” era necessário recorrer às práticas antigas de trabalho comunitário em torno de um objetivo comum. Nessa tarefa, o exército deveria cumprir função chave, com a ação cívico-militar. Desta forma, a tríade governo-Forças Armadas-povo deveria constituir a conquista do Peru pelos peruanos.<sup>15</sup>

A disputa eleitoral de 1962 foi muito intensa e os resultados foram muito apertados:

Com efeito, os resultados eleitorais favoreceram Haya de la Torre com pouca margem, sem que ele conseguisse o mínimo de um terço dos votos constitucionalmente necessário para ser declarado vitorioso. Nessas condições, cabia ao Congresso escolher entre os candidatos. Os votos dos congressistas favoreciam amplamente o APRA, embora sem assegurar a Haya de la Torre a maioria necessária.

<sup>16</sup>

O resultado foi o primeiro governo institucional das Forças Armadas na América Latina. O presidente do Comando Conjunto e os chefes das três Forças Armadas constituíram a Junta Militar de Governo. Os EUA se posicionaram contrários à Junta Militar. Com a instalação da “Aliança para o Progresso”, em 1961, como mecanismo de resposta à revolução cubana, o Presidente Kennedy decidiu apoiar os partidos reformistas e “democráticos”. No Peru, a Embaixada dos EUA foi abertamente a favor da APRA durante a campanha eleitoral de 1962. Os problemas colocados pela Junta Militar e as formas de resolvê-los acabou demonstrando falta de integração política dos comandos militares. Do outro lado, as estruturas partidárias e sindicais se encontravam bastante desenvolvidas e, juntamente com a mobilização popular, obrigou a Junta Militar a convocar novas eleições em 1963.<sup>17</sup>

A disputa resultou na vitória de Belaúnde Terry, professor universitário e fundador da Ação Popular. Uma das primeiras medidas do governo foi convocar eleições municipais,

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 282.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 286.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 288-289.

suprimidas há 50 anos.<sup>18</sup> No que tange à economia, a incorporação parcial dos setores populares e médios urbanos nas considerações do governo, significou um considerável aumento dos gastos públicos. “Em 1967, a despesa pública passou a 15,3% do PNB, a proporção mais alta de toda a região, exceção feita à Venezuela [...] O resultado foi o déficit que, durante o período 1965-7, aumentou em média 95% por ano”<sup>19</sup>. Os investimentos estrangeiros começaram a repatriar seus lucros. Em 1964, a saída foi de 94 milhões de dólares, já em 1967, chegou a 140 milhões, correspondendo a 20% do valor das exportações.<sup>20</sup> “Entre 1963 e 1967, o país multiplicou sua dívida externa, que passou de 237 a 685 milhões de dólares; enquanto, em 1965, a dívida representava 9% do valor das exportações, em 1968, chegou a 18%”.<sup>21</sup> Apesar da declaração de Belaúnde de que a moeda não seria desvalorizada, em setembro de 1967, houve uma desvalorização de 44% em relação ao dólar. Belaúnde tentou se explicar, mas a insatisfação e o desalento do povo peruano reforçava o discurso de que a democracia era enganosa, manipulada pelos poderosos para ludibriar o povo. Belaúnde perdia o apoio popular e o apoio político.<sup>22</sup> Em 1968, Belaúnde foi destituído do poder através de um golpe conduzido pelo General Juan Velasco Alvarado:

Em fins de setembro, todo o gabinete viu-se obrigado a renunciar. Depois de alguns dias, em 2 de outubro, o presidente conseguiu designar um novo gabinete, mas era tarde demais para tentar nova recomposição política: o golpe, que vinha sendo preparado desde fevereiro, foi adiantado para aproveitar a extrema precariedade do governo. Quando os militares entraram no Palácio, encontraram o presidente literalmente só e indefeso. O entusiasmo e o apoio maciço que recebera há cinco anos se dissolveram na maré antipopular e na sucessão de escândalos e acordos políticos contrários às demandas da imensa maioria da população. Por isso, os protestos contra a intervenção direta dos militares foram esporádicos, débeis e ineficazes. Assim terminou, sem pena e sem glória, este governo que tanta esperança havia criado. Com ele findou toda uma época.<sup>23</sup>

A ruptura nacionalista iniciada em 1968 foi abortada em agosto de 1975, quando o General conservador Francisco Morales Bermúdez, então presidente do Conselho de Ministros, liderou um golpe de Estado a partir da cidade de Tacna, localizada no extremo sul

---

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 290.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 299-300.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 302.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 302.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 305.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 313.

do território peruano, e derrubou Velasco Alvarado do poder. Bermúdez foi sucedido pelos governos civis de Fernando Belaúnde Terry (1980-1985) e de Alan García Pérez (1985-1990), do mais bem estruturado partido político peruano, o APRA.<sup>24</sup>

Alan García, com apenas 35 anos de idade, tomou posse em 1985, sucedendo a Belaúnde Terry. A partir de então, García herdou uma série de problemas que seriam posteriormente assumidos por Fujimori, em condições ainda mais alarmantes: hiperinflação, dívida externa, movimentos terroristas, desemprego, crescente nível de tráfico de cocaína etc. A eleição de 1990 aconteceu diante de um cenário no qual o Peru buscava se recuperar de uma série de conflitos sociais e políticos – ascensão de grupos políticos armados e de movimentos sociais –, e crise econômica.<sup>25</sup> Um povo marcado pela insegurança e pela angústia. Esse sentimento na década de 1980 não era característico somente da história do Peru, podendo estender-se a praticamente toda América Latina. Esse período é relatado pela CEPAL como a “década perdida”.<sup>26</sup> A retórica era de que o liberalismo havia vencido as ditaduras.

### 1.1 O Tempo do Neoliberalismo

No segundo período pós-guerra, destacou-se o pensamento desenvolvimentista da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Com a diminuição das importações devido à diminuição do comércio internacional durante o conflito e às consequências da Segunda Guerra, os governos locais precisaram desenvolver suas indústrias, essa política ficou conhecida como Industrialização por Substituição de Importação (ISI), com destaque ao incentivo da CEPAL, além do controle estatal centralizador desse desenvolvimento. No final da década de 1950, a estratégia baseou-se na formação de um mercado comum latino-americano de integração regional. A partir de 1965, com os regimes militares na América Latina, a política cepalina passou a sugerir aos países da região políticas

<sup>24</sup> BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. Reformas neoliberais no Peru: crise do Estado, privatizações e autoritarismo político 1990-2000. *Revista Latino-Americana de História*, vol. 6, 2017, p. 72-89.

<sup>25</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, 1991.

<sup>26</sup> ANSALDI, Waldo. “La democracia en América Latina, un barco a la deriva, tocado en la línea de flotación y con piratas a estribor. Una explicación de larga duración”. In ANSALDI, Waldo (org.). *La democracia en América Latina, un barco a la deriva*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

protecionistas.<sup>27</sup> Ainda que o impacto do protecionismo não possa ser quantificado com exatidão, sabe-se que a redução no acesso aos mercados dos países industrializados contribuiu significativamente para a estagnação das exportações da América Latina na primeira metade da década de 1980, dificultando a superação da crise econômica. Ao impacto do protecionismo, soma-se as taxas de juros internacionais extraordinariamente elevadas em termos reais, a forte contração dos influxos de capital, o choque do petróleo, o dólar flutuante e a adoção de políticas econômicas inadequadas.<sup>28</sup> Segundo Paulo Batista e Maria Marques,

Os países latino-americanos, asfixiados por suas dívidas externas e sem contar com recursos novos dos mercados financeiros internacionais, estão sendo impedidos pelos países industrializados de recorrer ao único meio pelo qual podem pagar o serviço de suas dívidas sem custos econômicos e sociais insuportáveis. Ao restringir as oportunidades de comércio para os países endividados, o protecionismo pode constituir-se, portanto, em um dos principais fatores responsáveis pela falência da estratégia de ajustamento externo que vem sendo utilizada desde a crise de 1982.<sup>29</sup>

As consequências foram a alta inflação, a recessão generalizada e problemas na balança de pagamentos.<sup>30</sup>

A partir do final da década de 1970, o neoliberalismo passou a ser adotado como modelo de desenvolvimento econômico por diversos países do capitalismo avançado. Deu-se primeiramente nos EUA e na Europa Ocidental e, em um segundo momento, nos países do Leste Europeu após a queda do regime soviético, mas foi durante a década de 1990 que passou a ser adotado por países do capitalismo periférico, sobretudo na América Latina.<sup>31</sup>

A narrativa do consenso de Washington de 1989 apresentava uma tentativa de promoção de um modelo econômico aberto, estável e liberal. Em novembro de 1989, o Instituto Internacional de Economia realizou uma conferência com o título “*Latin American Adjustment: How Much Has Happened?*”. Nessa conferência, participaram economistas e representantes das organizações internacionais, em que chegaram a um consenso sobre os instrumentos de política econômica, e sobre o que os Estados latino-americanos deveriam

---

<sup>27</sup> MARTÍNEZ RANGEL, Rubí; SOTO REYES, Garmendia Ernesto. El Consenso de Washington: la instauración de las políticas neoliberales en América Latina. **Revista Política y Cultura**, núm. 37, 2012, pp. 35-64.

<sup>28</sup> BATISTA, Paulo Nogueira; MARQUES, Maria Silvia Bastos. Protecionismo dos países industrializados e dívida externa Latino-americana. **Rev. Adm. Empr.**, 1987, p. 36-47.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>30</sup> MARTÍNEZ RANGEL, Rubí; SOTO REYES, Garmendia Ernesto, *op. cit.*

<sup>31</sup> BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta, *op. cit.*

possuir para sair da recessão econômica. Esta foi a origem do Consenso de Washington, assim denominado por John Williamson. O seu fundamento teórico baseava-se na economia neoclássica e no modelo ideológico e político do neoliberalismo, entendendo a interferência do Estado na economia como um fator que dificultava o desenvolvimento do setor privado, essa atitude atendia o interesse de importantes capitalistas que buscavam cada vez menos intervenção do Estado em suas atividades. A partir de então, as prioridades da América Latina era alcançar a estabilidade econômica e desmontar os elementos do modelo protecionista de desenvolvimento. Nos princípios da década de 1990, muitos países da América Latina - incluindo o Peru - abriram seus mercados ao comércio exterior, a isso soma-se as privatizações de empresas paraestatais.<sup>32</sup>

O Consenso de Washington serviu como uma força auxiliar, de natureza ideológica, para respaldar políticas do governo norte-americano por meio dos organismos internacionais com sede em Washington. Um dos problemas fundamentais elencados por José Ocampo foi que a primeira versão do Consenso de Washington se restringiu à macroeconomia, além de colocar as políticas sociais e econômicas em situação hierárquica, às quais a última possuía posição privilegiada na balança. De toda forma, essas políticas acabaram favorecendo as desigualdades e a má distribuição de renda.<sup>33</sup> Segundo Ansaldi,

Las políticas neoliberales (conservadoras) de los años 1990 han producido una brutal fragmentación de las desigualdades sociales. [...] El impacto es de tal magnitud que la tendencia estructural y a la lógica misma del régimen se orientan – de no mediar una acción correctora del resto de Estado que queda – hacia una aún mayor desigualdad social.<sup>34</sup>

De acordo com a CEPAL, no final da década de 1990, *“la desigual distribución de los ingresos continúa siendo un rasgo sobresaliente de la estructura económica y social de América Latina, lo que le ha valido ser considerada la región menos equitativa del mundo”*.<sup>35</sup>

O Peru era o país líder em termos de pobreza crítica em números percentuais na América Latina, cerca de 70% da população se encontrava nessa situação. A inflação chegava a níveis inacreditáveis, 5000% ao ano. O desemprego alcançava 45% da população. Segundo Klarén,

---

<sup>32</sup> MARTÍNEZ RANGEL; SOTO REYES, *op. cit.*, p. 43.

<sup>33</sup> OCAMPO, José *apud* MARTÍNEZ RANGEL; SOTO REYES, *op. cit.*, p. 44.

<sup>34</sup> ANSALDI, Waldo, *op. cit.*, p. 100.

<sup>35</sup> *Ibid.*

Menos de la mitad de la población ganaba lo suficiente (US \$48) en un mes como para comprar la canasta mínima de bienes necesarios para una subsistencia adecuada. Más de 6,5 millones de personas ni siquiera ganaban lo suficiente (\$31 al mes) para consumir el nivel mínimo de calorías necesarias para evitar la desnutrición.<sup>36</sup>

Segundo Luana Siqueira,

Entende-se [...] a pobreza como um problema de escassez, seja produto de um estágio ainda não suficientemente desenvolvido do país (subdesenvolvido), seja resultado de uma fase de crise (em países desenvolvidos). Em ambos os casos a pobreza é pensada como um fenômeno transitório, não estrutural, que representaria um estágio de reduzida produção de bens.<sup>37</sup>

Em 1990, o Peru passava por um desgaste devido às crises e ao alto personalismo do governo de Alan García (1985-1990), o que refletiu nas intenções de votos, tendo o partido do governo Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA) uma baixa, enquanto a direita unida Frente Democrática (FREDEMO) obteve uma considerável ascensão. O governo de García representou um desastre macroeconômico: recessão, queda do poder de compra, desvalorização da moeda, suspensão da dívida externa, hiperinflação etc<sup>38</sup>. O partido de centro-esquerda APRA havia caído de 48% em 1985 para 19% em 1990, isso foi um demonstrativo de que apesar de toda a capacidade de convocação do partido que levou o país à inflação e à recessão mais séria de sua história, o povo estava cansado da política do governo peruano. Alan García deixou a presidência com 80% de desaprovação em 1990, sendo que em 1985, início de mandato, a aprovação do seu governo chegava a 90%.<sup>39</sup> Os dois partidos da esquerda estavam em baixa: Izquierda Unida (IU) e Izquierda Socialista (IS) não vinham satisfazendo os eleitores e se encontravam em conflitos ideológicos e de representatividade. Já a Frente Democrática demonstrava possuir tudo para vencer a eleição, eles contavam com um programa neoliberal bem desenvolvido, um candidato com um espectro intelectual, o apoio do empresariado e dos grupos do alto poder econômico, uma das

<sup>36</sup> KLARÉN, Peter. **Nación y sociedad en la historia del Perú**. Lima: IEP, 2010, p. 476.

<sup>37</sup> SIQUEIRA, Luana Souza. Desenvolvimento e pobreza: uma análise crítica. **Temporalis**, n. 24, 2012, p. 353-384.

<sup>38</sup> FONS, Antonio Gil. El triunfo populista de Alberto Fujimori en Perú en el año de 1990. **InterNaciones**. Núm. 11, 2017, p. 83-94.

<sup>39</sup> COTLER, Julio. "Perú, 1960-1990". In BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina: los países andinos desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 100.

melhores empresas de marketing político etc.<sup>40</sup> Dentro desse contexto político já bem desenhado, o candidato da Frente Democrática aparece com boas vantagens sobre os demais, buscando a eleição ainda no primeiro turno. Diante disso, ascendeu um candidato independente até então desconhecido, o engenheiro agrônomo Alberto Fujimori, candidato do movimento independente *Cambio 90*. Seu eleitorado partiu do agrupamento das camadas mais baixas da sociedade: pequenos industriais, comerciantes e microempreendedores "informais", profissionais e pastores evangélicos.<sup>41</sup> De acordo com Hansen,

El surgimiento de independientes, es lo que también se ha denominado por outsider, siguiendo el uso que se le da en inglés, para referirse al sujeto político que proviene de fuera del sistema de partidos tradicionales. En realidad, el papel de estos nuevos actores políticos es la de llenar el vacío de los partidos sumidos en crisis, y se caracterizan por aprovechar su prestigio personal y desempeñar una práctica antipolítica y tildar a los partidos como origen de los problemas de la democracia, tal fue el caso de Fujimori.<sup>42</sup>

## 1.2 Sendero Luminoso

A violência também fazia parte do cotidiano dos peruanos, com destaque aos grupos de guerrilha Sendero Luminoso e Movimento Revolucionário Tupac Amaru, além da atuação do narcotráfico.

O Sendero Luminoso foi um movimento com bases em reivindicações estudantis e universitárias, que depois de tomar forma se tornou Partido Comunista Peruano Sendero Luminoso (PCP-SL) e por fim, grupo de guerrilha com ideais marxistas, leninistas e maoístas. Eles tiveram uma participação cotidiana e assombrosa durante a corrida presidencial em 1990. O ponto de partida do Sendero Luminoso se deu em Ayacucho com o *movimiento por la gratuidad de la enseñanza*, em 1969. O espaço educativo de Ayacucho, a universidade de Huamanga, o sindicato dos professores, as organizações estudantis, foram esses os lugares de recrutamento do Sendero Luminoso, sendo liderados pelo professor Abimael Guzmán, que

---

<sup>40</sup> DORIA, Wilfredo José Césare. **Fenômeno Fujimori: a conjuntura que construiu um presidente**. A experiência eleitoral peruana de 1990. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1996, p.72.

<sup>41</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, *op. cit.*, p.11.

<sup>42</sup> HANSEN, Eduardo Castro. **Cultura política y corrupción en la era del gobierno de Fujimori y algunos rasgos del gobierno de Toledo: 1990-2002**, p. 22. Disponível em: [https://bora.uib.no/bitstream/1956/2446/1/Hovedoppgave\\_Hansen.pdf](https://bora.uib.no/bitstream/1956/2446/1/Hovedoppgave_Hansen.pdf). Acesso em: 14/03/2022.

ficou conhecido pelo codinome Presidente Gonzalo. O Sendero Luminoso surgiu a partir do encontro entre uma elite intelectual, provinciana e mestiça, e uma juventude universitária também provinciana e mestiça.<sup>43</sup> O PCP-SL se tornou uma organização política que adotou radicalmente os ideais marxista-leninista-maoísta. A radicalização dos ideais comunistas levou o grupo – principalmente a partir da década de 1980 – a promover ataques terroristas com técnicas de guerrilha. Os principais alvos dos ataques eram praças, bancos, instalações militares, prédios públicos, embaixadas, sequestro de personalidades políticas, assassinato de líderes locais, além das ameaças de ataques a pontos de votação, principalmente daqueles que eram mais populares. Nas eleições de 1990, o grupo se mostrou completamente avesso às candidaturas tanto de Llosa como de Fujimori. O grupo tentava convencer os peruanos a não votarem, e assim boicotar as eleições. Alguns volantes deixados pelos apoiadores do movimento exortavam: “nem Vargas Llosa, nem Fujimori são a solução, porque representam a direita. Viva a luta armada!”<sup>44</sup>. Só que tal estratégia não se mostrou eficiente, então partiram para ameaças e ataques violentos. O principal objetivo era deslegitimar a eleição, de forma a promover a tomada do poder.

O terrorismo é um termo subjetivo e ambíguo, que pode ser entendido de diversas formas. De acordo com Jiménez Bacca, terrorismo pode ser considerado como atos de violência contra a vida, a saúde e a liberdade dos cidadãos. De modo sistemático e articulado, procura criar uma situação de insegurança e de perigo coletivo, com objetivo de alterar a ordem constitucional ou a organização jurídica do sistema democrático. Para alcançar a tomada do poder, o Sendero necessitava de uma estrutura de atuação, ou seja, fazer uso sistemático do terror e da violência com estratégias coercitivas baseadas em ameaças e violência. Além de contar com uma estrutura de ação, o Sendero contava com uma base ideológica, que é o Leninismo-Marxismo-Maoísmo-Pensamento Gonzalo.<sup>45</sup>

O elemento teleológico é fator de distinção de um grupo terrorista para outras associações clandestinas com finalidade política. Esse elemento tem por objetivo a busca pelo poder através da subversão do Estado. Segundo Lévassour, os elementos decisivos para classificar ações terroristas são: provocar um estado de pânico e terror e alterar a ordem

---

<sup>43</sup> DEGREGORI, Carlos Iván. **El surgimiento de Sendero Luminoso: Ayacucho 1969-1979**. Del movimiento por la gratuidad de la enseñanza al inicio de la lucha armada. Lima: IEP, 2011.

<sup>44</sup> Tribuna da Imprensa, 23/04/1990.

<sup>45</sup> JIMÉNEZ BACCA, Benedicto. **Início, desarrollo y ocaso del terrorismo en el Perú: el abc del Sendero Luminoso**. Arequipa: Ediciones Rivadeneira, 2019.

pública com fins políticos e sociais. É importante destacar que o terrorismo não tem o terror como uma atividade fim, mas uma modalidade de ação para chegar ao seu grande objetivo: a tomada do poder.<sup>46</sup> Nesta monografia, o Sendero Luminoso se enquadra nesse conceito de terrorismo. O grupo contava com uma finalidade, um projeto político e um objetivo bem definidos. A pesquisa se afasta da concepção de que o terrorismo é simplesmente um ato de loucura ou uma simples prática irracional.

Nos periódicos, o Sendero esteve presente desde os princípios da corrida eleitoral até a posse de Fujimori. Ele foi, sem dúvida, um pesadelo para os candidatos. Nas ocorrências da imprensa, o Sendero teve uma participação mais significativa antes do primeiro turno do que o desconhecido Fujimori. Em janeiro, em um atentado terrorista, o Sendero assassinou com 15 tiros o ex-ministro da defesa, o general da reserva Enrique Alujar. O atentado foi visto como um aviso para as eleições que se aproximavam. Só no mês de janeiro 58 pessoas morreram vítimas de ataques terroristas.<sup>47</sup> Durante a eleição, a polícia reforçou o policiamento devido às constantes ameaças dos senderistas, que prometiam um ataque terrorista nos pontos de votação. As forças armadas colocaram 230 mil homens nas ruas. A polícia peruana anunciou ter descoberto um ataque terrorista à Sede do Jurado Nacional de Eleições antes que ele acontecesse, eles apreenderam 50 bananas de dinamite. “Dois homens e duas mulheres foram presos em flagrante e confessaram a pretensão do crime”.<sup>48</sup> Em abril, mais de cem guerrilheiros do Sendero Luminoso morreram em um confronto com tropas do exército, perto da localidade amazônica de Palo de Acero.<sup>49</sup> Antes do segundo turno, “outras trinta pessoas morreram em diversos pontos do Peru em consequência da violência terrorista”.<sup>50</sup> Fujimori escapou de um atentado do Sendero quando sua caravana passava pelo distrito de San Juan de Lurigancho, o grupo explodiu uma dinamite na estrada, deixando uma jovem ferida.<sup>51</sup> Próximo ao segundo turno, dois carros-bomba explodiram a menos de 150 metros do palácio presidencial do Peru, ferindo 5 pessoas e causando prejuízos a prédios da região.<sup>52</sup> O grande objetivo do Sendero tanto na eleição de 1990, como no início do movimento subversivo, era destituir a ordem vigente e instaurar um Estado senderista.<sup>53</sup>

---

<sup>46</sup> LEVASSEUR apud JIMÉNEZ BACCA, Benedicto, *op. cit.*, p. 51.

<sup>47</sup> Tribuna da Imprensa, 28/01/1990.

<sup>48</sup> Jornal do Brasil, 11/06/1990.

<sup>49</sup> Tribuna da Imprensa, 18/04/1990.

<sup>50</sup> Tribuna da Imprensa, 21/04/1990.

<sup>51</sup> Tribuna da Imprensa, 23/04/1990.

<sup>52</sup> Jornal do Brasil, 11/06/1990.

<sup>53</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 460.

Nas eleições de 1985, o Sendero não conseguiu o seu objetivo político: fazer com que a população se abstinhasse do voto. Segundo Cotler,

Los persistentes ataques terroristas y asesinatos perpetrados por Sendero Luminoso hicieron más apremiante la búsqueda de una solución política de los conflictos sociales de Perú. La participación masiva de votantes en las elecciones de 1985 constituyó, de hecho, una decisiva derrota política para Sendero Luminoso, que había instado a los peruanos a abstenerse de votar.<sup>54</sup>

A eleição de 1990 representou a segunda derrota política do Sendero. Apesar das constantes ameaças do grupo, os peruanos não hesitaram em cumprir o papel como cidadão, votando para eleger o presidente no primeiro e segundo turnos. O Sendero Luminoso não teve grandes ações significativas durante os dias das votações.

### 1.3 Biografias

Mario Vargas Llosa nasceu em 1936, em Arequipa, cidade localizada no sul do Peru, em um vale dos Andes, famoso por seu espírito clerical e rebelde. Enrique Krause se dedicou enfaticamente a comentar a biografia do escritor Mario Vargas Llosa, comparando e relacionando a crítica de Llosa ao autoritarismo com a relação que teve desde criança com seu pai. O pai do menino Llosa se mostrou o primeiro ditador na relação dele com a mãe de Llosa: *“sometida a un régimen carcelario, prohibida de frecuentar amigos y, sobre todo, parientes, obligada a permanecer siempre en la casa”*.<sup>55</sup> Por influência de seu tio, Vargas Llosa tomou consciência do sofrimento e da miséria que vivia seu povo e acabou aderindo ao socialismo, à esquerda e à revolução. Foi nesse momento que ingressou na faculdade de Direito e Letras da Universidade de *San Marcos*, onde teve contato com a militância socialista. Em 1958, Vargas Llosa escreveu um manifesto de apoio à revolução cubana, ele acreditava que o país poderia servir de modelo a ser seguido pelos demais países da região. Porém, após algumas visitas ao local, acabou chegando à conclusão de que a prática não era condizente com o discurso:

<sup>54</sup> COTLER, Julio. “Perú, 1960-1990”. In BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina: los países andinos desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 95.

<sup>55</sup> KRAUZE, Enrique. “Viaje al interior de Mario Vargas Llosa”. **Letras Libres**, p. 6-16, nov. de 2010. *apud* LLOSA, Vargas.

*Gradualmente fui viendo – al principio no quería ver; al principio incluso me molestaba reconocerlo – una serie de manifestaciones que indican que la realidad, en la práctica, no era de ninguna manera lo que la imagen, la publicidad y la ilusión nos querían hacer ver.*<sup>56</sup>

A decepção e frustração com a revolução cubana e com a esquerda foi se intensificando na história de Llosa. Ele decidiu renunciar ao comitê da revista *Casa de las Américas*, o mais importante órgão cultural cubano, através do qual cooptaram centenas de intelectuais latino-americanos. Com isso, Vargas Llosa que já era um residente na Europa e estava cada vez mais perto dos ideais liberais. Por volta das décadas de 1970 e 1980, pelo contato com o seminário internacional organizado por Hernando de Soto e pelas ideias de escritores, economistas e socialistas libertários, Vargas Llosa se converte ao liberalismo.<sup>57</sup> Em 1990, disputou as eleições do Peru pela Frente Democrática.<sup>58</sup> Após a derrota, Llosa não tentou uma segunda candidatura e passou a focar nos escritos literários. Porém, ele não abandonou a política por completo, já que constantemente publica artigos em revistas comentando diversos temas sobre a política do Peru e da América Latina. Atitude diferente do seu adversário político da eleição de 90, que se manteve e se mantém ativo na política peruana.

Fujimori nasceu em 1938, o seu local de nascimento é um tanto controverso. Ele é descendente de japoneses e durante a eleição se declarou nascido em Lima no Peru. Na época, essa afirmação foi bastante criticada, pois Fujimori nasceu em Lima, mas foi registrado no consulado japonês mantendo, portanto, uma dupla nacionalidade. O candidato estudou agronomia na Universidade Nacional Agrária. Depois de formado, Fujimori realizou pós-graduação na França e nos Estados Unidos. Retornou à Universidade Agrária como professor e depois tornou-se reitor. No final da década de 1990, apresentou um programa televisivo chamado “*Concertando*”, que informava notícias agrícolas e políticas direcionadas a agricultores.<sup>59</sup> Pouco conhecido no mundo político, se candidatou pelo partido recém-criado, Cambio 90, e se destacou como uma revelação das eleições de 1990. Tomou posse como presidente em 28 de julho de 1990, derrotando o hoje Nobel de Literatura Mario Vargas Llosa. Fujimori foi a segunda pessoa de ascendência asiática a se tornar chefe de Estado de uma nação da América. O primeiro foi Arthur Chung, ex-presidente da Guiana. Após dois anos

---

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> *Ibid.*

<sup>58</sup> Para melhor compreensão, conferir a autobiografia de Vargas Llosa: (LLOSA, Vargas. *El Pez En La Agua*, 1993).

<sup>59</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*

eleito, em 1992, Fujimori realizou um autogolpe e fechou o congresso Peruano, permanecendo até o ano 2000, quando renunciou ao cargo e se exilou no Japão, acusado de corrupção e compra de votos.

Fujimori foi condenado por crimes de corrupção e violação dos direitos humanos. Pelo fato da dupla nacionalidade, e aproveitando viagem à Ásia, Fujimori desembarcou no Japão, onde renunciaria ao cargo de presidente e pediria asilo político. O Congresso não aceitou a sua renúncia e o destituiu do cargo. O presidente do Congresso, Valentín Paniagua, assumiu um governo de transição até 2001.<sup>60</sup> Segundo Rafael Brandão,

Em 2005, Fujimori mudou-se para o Chile na condição de exilado político. Porém, em setembro de 2007, a justiça chilena atendeu ao pedido de sua extradição para o Peru. No país que governou por uma década, Fujimori foi levado a julgamento por corrupção, enriquecimento ilícito, evasão de divisas, abuso dos direitos humanos, sequestro e genocídio. Em dezembro de 2007 foi condenado a seis anos de prisão pela revista ilegal da casa da mulher de seu ex-assessor Vladimiro Montesinos. A sentença, ditada pelo juiz Pedro Urbina, também obrigou o ex-presidente a pagar 400 mil novos sóis (US \$133.000) como reparação civil ao Estado. Além disso, ficou impedido de exercer cargos públicos por dois anos. Em abril de 2009, foi novamente condenado, desta vez, com uma pena de 25 anos de prisão por violações dos direitos humanos, sentença confirmada pelo Supremo Tribunal do Peru.<sup>61</sup>

Diferente de Llosa, Fujimori iniciou suas atividades políticas em 1990 e permaneceu no ramo. Mesmo com o exílio, prisão e acusações de corrupção e violação dos direitos humanos, sua herança política permaneceu forte e ficou conhecida como fujimorismo. Em 2006, o Jurado Nacional de Eleições (JNE) anulou a tentativa de candidatura de Fujimori, que se encontrava no Japão.<sup>62</sup> As eleições de 2016 foram disputadas entre Pedro Pablo Kuczynski e Keiko Fujimori, filha de Alberto Fujimori. Keiko obteve 49,88% dos votos, sendo derrotada por Pedro Pablo Kuczynski por 50,12%, em uma eleição muito acirrada. Apesar da derrota de Keiko, a percentagem dos votos é um indicador de que o fujimorismo, apesar das polêmicas, ainda é muito presente na política peruana.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta, *op. cit.*

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> SANTANDER, Carlos Ugo. “As eleições presidenciais e parlamentares em 2006 no Peru”. In SANTANDER, Carlos Ugo; PENTEADO, Nelson Freire. **Os processos eleitorais na América Latina (2005-2006)**. Brasília: LGE editora, 2008.

<sup>63</sup> FONS, Antonio Gil, *op. cit.*, p. 84.

## 2 PRATICAMENTE ELEITO

*Lo que no parecía ni por asomo era la actividad que, por capricho de la rueda de la fortuna, monopolizaría mi vida los próximos tres años: la política.*

*(Vargas Llosa, 1993)*

A decisão que Vargas Llosa fala na epígrafe se deu em um contexto muito bem definido: o anúncio do presidente Alan García sobre a nacionalização e estatização dos bancos, companhias seguradoras e financeiras do Peru, em julho de 1987.<sup>64</sup> Vargas Llosa se posicionou contrário à estatização, foi à imprensa e verbalizou sua indignação. Com isso, e para surpresa do escritor, funcionários de bancos e outras empresas ameaçadas saíram às ruas do Peru em pequenas manifestações também contrárias à estatização. Nesse sentido, foi organizado o “*Encuentro por la Libertad*” na praça San Martín com participação popular em torno de 130 mil pessoas.<sup>65</sup> Foi a maior manifestação de direita da história peruana. O encontro obteve grande repercussão e, apesar da aprovação no Congresso, a lei de estatização acabou sendo revogada. Com discursos inflamados, Vargas Llosa se destacou como um representante político da direita peruana e naquele momento, a candidatura à presidência já era uma realidade. O movimento deu sobrevida para os partidos de oposição, *Acción Popular* e *Partido Popular Cristiano*, e acabou resultando nas bases do que viria a ser a Frente Democrática. Não se pode deixar de mencionar que durante a campanha desatada por Vargas Llosa contra a estatização dos bancos, os meios de comunicação do Peru projetaram a imagem do escritor como a de um novo líder capaz de agrupar os partidos da oposição para as futuras eleições de 1990, como uma aliança que enfrentaria nas urnas a APRA e a *Izquierda Unida*.<sup>66</sup> Vargas Llosa era um liberal convicto e decidido dos seus ideais, um peruano que não era político, mas que estava entrando no mundo da política com um discurso esperançoso, com projeção de melhorar a situação de seu país por meio de uma ideologia de cunho neoliberal.

Nos periódicos analisados, o “escritor e intelectual”<sup>67</sup> Vargas Llosa é constantemente referido como o grande favorito a se eleger como novo presidente do Peru, superando com facilidade todos seus adversários. Outras vezes, Llosa é denominado como o “já praticamente

<sup>64</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 481.

<sup>65</sup> LLOSA, Mario Vargas. **El pez en el agua**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A, 1993.

<sup>66</sup> DORIA, Wilfredo José Césare, *op. cit.*, p. 24.

<sup>67</sup> Os periódicos, constantemente, destacam a divulgação internacional dos trabalhos e da pessoa de Vargas Llosa.

eleito presidente do Peru”.<sup>68</sup> Os periódicos relatam uma grande probabilidade de o candidato da Frente Democrática se eleger ainda no primeiro turno<sup>69</sup>. O jornalista Paulo Francis esperava que Llosa se elegesse com a grande maioria dos votos.<sup>70</sup> De acordo com Julio Cotler,

se debió sobre todo al renombre internacional de Vargas Llosa como escritor y ensayista liberal, lo cual le ayudó a obtener apoyo entre las organizaciones empresariales nacionales e internacionales y en los medios de comunicación; esto le permitió hacer una campaña costosa y cada vez más estridente con la ayuda de conocidas y eficaces agencias internacionales de relaciones públicas.<sup>71</sup>

Doria apresenta dados interessantes sobre a pesquisa de intenção de votos. Para o autor, até março de 1990, Vargas Llosa não havia sido incomodado, o candidato que chegou mais próximo de incomodá-lo foi Alfonso Barrantes da *Izquierda Socialista* durante o período de janeiro a abril de 1990. Fujimori nem sequer demonstrou relevância nas intenções de votos. Nos periódicos analisados, durante esse período não há sequer menção sobre o candidato obscuro.<sup>72</sup>

Vargas Llosa possuía uma boa assessoria para sua candidatura, alto investimento financeiro na campanha e um plano de governo bem construído. A eleição de Vargas Llosa já era praticamente certa de acordo com os periódicos. A discussão que se fazia à época era se seria no primeiro ou no segundo turno. Fato é que realmente Vargas Llosa vence o primeiro turno, mas ainda não a eleição. A disputa se estendeu para o segundo turno, agora com a grande novidade, a significativa ascensão do engenheiro Alberto Fujimori.

De acordo com Klarén, o que Llosa garantia em seu plano de governo era:

*un duro programa de estabilización de tipo fondo-monetarista para reducir la tasa de inflación astronómica y prometió reinsertar el país en la economía internacional. Se liberalizaría el comercio, se reiniciaría el pago total de la deuda, se estimularía la inversión extranjera, las empresas estatales serían privatizadas, los controles de precios y los subsidios se eliminarían, se transformaría la estructura tributaria y se derogarían las leyes que garantizaban la estabilidad laboral a los trabajadores.(...)*  
*Vargas Llosa pedía una desregulación total del Estado y la construcción de una*

<sup>68</sup> Tribuna da Imprensa, 06/02/1990; Jornal do Brasil, 25/02/1990.

<sup>69</sup> Jornal do Brasil, 19/01/1990.

<sup>70</sup> Tribuna da Imprensa, 07/04/1990.

<sup>71</sup> COTLER, Julio. “Perú, 1960-1990”. In BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina**: los países andinos desde 1930. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p.103.

<sup>72</sup> DORIA, Wilfredo José Césare, *op. cit.*

*economía de mercado libre que reemplazara el fracasado estatismo y mercantilismo del pasado.*<sup>73</sup>

No geral, a recepção do programa de governo pela população foi negativa. Parecia muito radical para um público que buscava fugir dos extremos. A reação negativa não foi somente da maioria pobre, mas também da classe média e setores empresariais que viam com receio o fim dos sistemas estatista e mercantilista, já que foram eles que garantiram o lugar que ocupavam na sociedade.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 483.

<sup>74</sup> *Ibid.*

### 3 FENÔMENO FUJIMORI

De acordo com os periódicos, como um candidato desconhecido conseguiu ascender tão rápido a ponto de superar um candidato já muito bem consolidado? O que houve em tão pouco tempo para mudar tão rapidamente o pensamento dos cidadãos peruanos? Os periódicos se posicionaram?

O periódico Tribuna da Imprensa relata uma grande movimentação ainda no período pré eleitoral peruano, mais de mil peruanos sem partido se candidataram a uma vaga no Congresso. A cadeira presidencial era disputada por nove concorrentes, o periódico destacava o escritor Vargas Llosa, Alberto Fujimori permanecia oculto. De acordo com a matéria, essa febre na candidatura peruana também se explicava por um esgotamento das classes políticas tradicionais e da corrupção na história do Peru, em especial pelo esgotamento sofrido no governo de Alan García, anterior a Fujimori.<sup>75</sup>

No dia 13 de março, a Tribuna da Imprensa relata uma queda da preferência por Llosa, os percentuais caem de 52% para 43%, o periódico começa a sinalizar a possibilidade do segundo turno, mas ainda sem citar Fujimori, mesmo a menos de um mês do primeiro turno. Já no final de março, bem próximo das eleições, o candidato indicado para disputar o segundo turno é Alfonso Barrantes, candidato da esquerda<sup>76</sup>. Alguns dias antes do primeiro turno das eleições, Alberto Fujimori é citado pela primeira vez na Tribuna da Imprensa, o candidato alcançou uma imprevisível e inesperada ascensão nas pesquisas de votos e acabou levando as eleições - com uma boa porcentagem dos votos - para o segundo turno. Os periódicos apresentam com tom de surpresa e incredulidade o desempenho do “micro-candidato”<sup>77</sup> descendente de japoneses: “eleição no Peru pode dar zebra com a repentina ascensão de Fujimori”, na época tal feito já era conhecido como o “fenômeno Fujimori”<sup>78</sup>. Mesmo a comunidade japonesa desconhecia a existência do candidato nissei, “sua popularidade é surpreendente”<sup>79</sup>, disse o editor de um jornal japonês em Lima. O candidato Vargas Llosa buscou uma negociação com Fujimori para que não houvesse segundo turno, mas sem sucesso.<sup>80</sup> Llosa ainda se mantinha em primeiro lugar desde as

<sup>75</sup> Tribuna da Imprensa, 30/01/1990.

<sup>76</sup> Tribuna da Imprensa, 25/03/1990.

<sup>77</sup> Tribuna da Imprensa, 09/04/1990.

<sup>78</sup> Tribuna da Imprensa, 08/04/1990.

<sup>79</sup> Jornal do Brasil, 09/04/1990.

<sup>80</sup> Tribuna da Imprensa, 09/04/1990; Jornal do Brasil, 10/04/1990.

primeiras pesquisas de intenção de votos. Porém, no segundo turno houve uma virada inesperada, Fujimori chegou a ultrapassar Llosa nas intenções de votos, se tornando o provável presidente do Peru. Fujimori alcançou entre 46% e 49% em intenção de votos, enquanto Llosa ficou apenas entre 36% e 37%<sup>81</sup>. Mas esse dado foi por um breve período, logo após Vargas Llosa retoma a liderança nas intenções de votos, contudo Fujimori já era um grande problema na candidatura do escritor peruano. No dia 16 de abril, quando o cenário do segundo turno já estava melhor desenhado, a Tribuna da Imprensa relata que “Vargas Llosa praticamente não têm chances de ganhar de Fujimori”<sup>82</sup>, o jogo havia virado.

Em apenas duas semanas, Alberto Fujimori obteve um crescimento significativo nas pesquisas de intenção de votos, causando insegurança à candidatura de Llosa. Fujimori surge nas eleições como novidade, ele ocupa um lugar de centro-esquerda, que naquele momento parecia apaziguador, diante da tendência dos outros candidatos de cada vez irem mais ao extremo. O periódico afirma que Llosa mudava o discurso e passava a adotar os pobres, sendo que boa parte da população pobre abraçou o discurso de Fujimori. Llosa teria apresentado na TV peruana um Programa de Apoio Social (PAS) que se distanciava de tudo que a Frente Democrática havia apresentado desde então. Llosa ainda aproveitou a oportunidade para criticar seu adversário, cobrando-lhe que apresentasse o seu programa de governo, já que Fujimori não obtinha um programa de governo bem definido.<sup>83</sup> Um dia antes das eleições, o periódico não ousou afirmar quem teria a maior vantagem, pelo contrário, afirmou que Llosa e Fujimori estavam em um empate técnico<sup>84</sup> e que seria “praticamente impossível”<sup>85</sup> afirmar quem seria o novo presidente do Peru.

### 3.1 O Plano Collor

Com a ascensão do liberalismo a partir do final da década de 1970, o antiliberalismo também crescia e fazia oposição. O discurso antiliberal não era novidade na América Latina, já encontrava raízes bem fundamentadas. O discurso antiliberal preconiza que o liberalismo não funciona e privilegia as camadas mais altas da sociedade. A visita de Llosa a Collor coincidiu

---

<sup>81</sup> Tribuna da Imprensa, 10/04/1990.

<sup>82</sup> Tribuna da Imprensa, 15/04/1990.

<sup>83</sup> Tribuna Da Imprensa, 11/05/1990.

<sup>84</sup> Jornal do Brasil, 09/05/1990.

<sup>85</sup> Tribuna Da Imprensa, 09/06/1990.

com o andamento da implantação do Plano Collor no Brasil, o plano visava a retirada do Brasil da inflação e da recessão que o assolava. Llosa fez duas visitas ao presidente do Brasil ainda na época da corrida presidencial, uma em fevereiro e outra em março. Collor, eleito no final de 1989, estava em início de mandato, organizando o seu governo, ele foi o primeiro presidente eleito pelo voto popular desde Jânio Quadros, eleito quase três décadas antes. De acordo com os periódicos, Llosa elogiava e concordava com o plano liberal de economia proposto pelo governo Collor “Plano Brasil Novo”, que ficou popularmente conhecido como “Plano Collor”, além de considerá-los ideologicamente semelhantes, especialmente a ideia de acabar com o isolamento da América Latina em relação aos países desenvolvidos<sup>86</sup>, “dizem que se entenderam pelo olhar”.<sup>87</sup> Segundo o periódico, o Plano Collor circulou na imprensa peruana e foi usado contra a candidatura de Llosa por seus opositores, já que “a plataforma econômica de Vargas Llosa é a que mais se assemelha ao de Collor de Mello”. O jornal *La Republica*, de centro esquerda, alegava que “médias e pequenas empresas são as mais afetadas do Brasil”.<sup>88</sup> O jornalista Mário Jakobskind apresenta essa relação entre Llosa e o Plano Collor como um dos motivos da queda de preferência por Llosa.<sup>89</sup> Ele se mostra crítico à proposta neoliberal de Llosa, acreditando que faria com que o Peru fosse submetido a uma recessão ainda maior do que a que já vivia. Jakobskind compara com o Brasil que, em sua visão, estava entrando em uma recessão sem precedentes.<sup>90</sup> Em outro momento, o jornalista afirmou que os periódicos peruanos comentavam diariamente, na primeira página, o andamento do Plano Collor no Brasil, e que analistas afirmavam o perigo de tal política caso fosse aplicada no Peru.<sup>91</sup> Em outro momento, o jornalista Rodrigo Farias Lima afirma que o “Plano Collor é a maior arma do adversário do escritor” e que Fujimori não tirava os olhos dos acontecimentos relacionados ao Plano Collor. Para ele, o medo dos peruanos era que Vargas Llosa assumisse e realizasse um confisco temporário em suas poupanças semelhante ao que aconteceu no Brasil, e que acabou obtendo divulgação internacional.<sup>92</sup> O jornalista Paulo Francis relata que havia comentários que Llosa era elogioso ao programa brasileiro, mas que ele duvidava muito disso. Segundo ele: “Llosa quer vender as estatais todas, a quem der mais, ou a quem assuma o prejuízo”, enquanto Collor “quer privatizar

---

<sup>86</sup> Jornal do Brasil, 21/02/1990.

<sup>87</sup> Jornal do Brasil, 10/06/1990.

<sup>88</sup> Jornal do Brasil, 17/05/1990.

<sup>89</sup> Tribuna Da Imprensa, 09/04/1990.

<sup>90</sup> *Ibid.*

<sup>91</sup> Tribuna Da Imprensa, 19/04/1990.

<sup>92</sup> Tribuna Da Imprensa, 08/06/1990.

goela abaixo estatais falidas com os tais certificados de privatização”.<sup>93</sup> Nota-se no mesmo periódico que, por um lado, Jakobskind coloca Llosa como admirador do plano político e econômico do governo Collor, enquanto do outro lado, Paulo Francis rebate afirmando serem propostas bem divergentes, às quais as do peruano são mais inteligentes e melhor intencionadas. Mesmo com visões diferentes, os dois lados atribuem tons de crítica às propostas do governo Collor. Nota-se a partir disso, que a experiência brasileira acerca dos fatos advindos do Peru e o contato de Llosa com o Collor, parece dizer mais respeito à experiência política dos brasileiros, refletindo assim, os acontecimentos políticos do Peru para a política nacional interna, principalmente no que tange à economia e à ideologia neoliberal. Outro ponto importante a destacar, segundo Fernando Azevedo, é que:

Entre as eleições de 1989 e a de 1994, que inaugura um novo tipo de polarização eleitoral, [...] a imprensa assumiu um papel protagonista. Sem dúvida, a crise do governo Collor foi um divisor de águas para a mídia (em especial para o jornalismo político), do ponto de vista da sua relação com o sistema político no novo período democrático, pois a grande imprensa durante todo o episódio não só agendou o debate político, como se transformou num dos principais atores da crise, denunciando o governo, mobilizando a opinião pública e colocando em pauta o *impeachment*.<sup>94</sup>

### 3.2 Apoio das Esquerdas

Fujimori também recebeu o apoio do então presidente Alan García. Para Degregori e Grompone<sup>95</sup>, Fujimori adotou um discurso de centro esquerda para convencer os eleitores da APRA que já não estavam mais no jogo. Diante da derrota do partido APRA ainda no primeiro turno, os seus eleitores deveriam tomar um novo rumo, a política de Llosa se distanciava da ideologia do governo de García. Facilitou para Fujimori quando Alan García declarou apoio à sua candidatura. Porém, Fujimori se encontrou em uma situação delicada dias depois, pois ele havia recebido apoio de García, mas também era pressionado pelo povo justamente pelo esgotamento da população com o atual governo, que trouxe uma das maiores recessões da história do Peru. Após o segundo turno e após receber o apoio de García, Fujimori se manteve

<sup>93</sup> Tribuna Da Imprensa, 12/06/1990.

<sup>94</sup> AZEVEDO, F. A., *op. cit.*, p. 107.

<sup>95</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, 1991.

calado por um bom tempo, cerca de um mês. Quando se sentiu pressionado e viu seus números caírem nas intenções de voto, teve que se pronunciar. Fujimori então cedeu uma entrevista em sua residência, disse o candidato: “eu discordo com o aprismo... Digo que o governo cometeu erros, se não, vejam a crise econômica que estamos”.<sup>96</sup> O periódico *Tribuna da Imprensa* associa a queda de Llosa ao apoio que recebeu dos partidos Ação Popular e Partido Popular Cristão, considerados como partidos tradicionais e que iam contra a renovação política que o povo peruano esperava, enquanto Fujimori recebia o apoio dos apristas e dos eleitores das esquerdas unida e socialista.<sup>97</sup> O jornalista Argemiro Ferreira atribui o desempenho de Llosa, pejorativamente, como uma ejaculação precoce, ele teria tido um ótimo desempenho, mas antes da hora. Quando surge o candidato Fujimori - que Argemiro afirma ser tão liberal quanto Llosa - parece ser um refúgio entre os extremos. Fujimori não possuía carreira política e diferente de Llosa, não procurou ser um “caçador” das esquerdas na corrida presidencial, o que facilitou quando os outros partidos declararam apoio ao candidato de ascendência japonesa.

O eleitorado de Fujimori era formado por um público mais campesino, das províncias mais pobres dos Andes, da população indígena, dos migrantes dos bairros periféricos. Durante a corrida presidencial, Fujimori fez um trabalho de campanha se aproximando das periferias e visitando comunidades de baixa renda. Fujimori também recebeu apoio de lideranças das igrejas evangélicas do Peru, já que Llosa era relatado como ateu. Enquanto o público eleitor de Vargas Llosa era composto pela classe alta e média e impulsionado pelo empresariado, mas também conquistou setores populares de origem *criolla*.<sup>98</sup>

O embaixador dos EUA no Peru, Anthony Quinton, visitou Fujimori e Vargas Llosa. A posição dos EUA foi de apoio ao governo que fosse eleito.<sup>99</sup>

### 3.3 O Fator Étnico

No Peru não existia e ainda não existe uniformidade étnica, pelo contrário, a população é tangenciada pela diferença, a qual muitas vezes não se acha um ponto de encontro emancipador. Dependendo da localidade do Peru que se refere, é possível e provável encontrar

---

<sup>96</sup> *Tribuna da Imprensa*, 05/05/1990.

<sup>97</sup> *Tribuna da Imprensa*, 08/04/1990.

<sup>98</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, 1991.

<sup>99</sup> *Tribuna da Imprensa*, 26/04/1990.

significativas diferenças na língua falada, nas feições étnicas, nas vestimentas, no clima etc. A população do Peru se concentra em conglomerados de indígenas, brancos, negros e chineses. Como dito anteriormente, Fujimori era descendente de japoneses, ainda muito indefinido o seu local de nascimento. Ele possuía dificuldades em falar o espanhol. Porém, mesmo Fujimori tendo todas essas características de estrangeiro, ele não era mais estrangeiro que o peruano Vargas Llosa. O escritor já morava na Europa havia anos, saiu do Peru ainda muito cedo, a população não o reconhecia como um peruano de fato.<sup>100</sup>

la tez blanca del escritor de cincuenta y cuatro años de edad, su estilo de vida cosmopolita, su forma europeizada de ver las cosas y su porte distante hicieron que en la mentalidad popular fuera considerado como «el candidato de los ricos», una imagen que la oposición explotó con éxito.<sup>101</sup>

Já Fujimori, também popularmente conhecido como “chino”<sup>102</sup>, era reconhecido pelos seus traços aproximativos dos chineses, povo que faz parte da história do Peru, e principalmente os traços que se aproximam mais dos indígenas e do povo peruano no geral: os olhos puxados, por exemplo - “seus olhos de filho do Sol Nascente tem mais a ver com os olhos dos descendentes de Inti (o Deus Sol dos Incas) do que com os dos conquistadores espanhóis”, afirmava um colunista do Jornal do Brasil.<sup>103</sup> Segundo a Tribuna da Imprensa, o analista político peruano Alfredo Torres considera que o povo peruano tem uma grande admiração pelos japoneses e acreditam que Fujimori vai trazer dinheiro do Japão sem custo para eles<sup>104</sup>, Fujimori não fez questão de desmentir essa notícia. O jornalista polemista Paulo Francis, ao falar da ascensão de Fujimori, afirmou que “os índios que votam talvez tenham confundido sua cara com a dele (...) Índio é incivilizável. Nem para escravo serve. Foi por isso que começaram a importar escravos negros, são mais dóceis”.<sup>105</sup> Nota-se uma visão preconceituosa de Paulo Francis acerca dos indígenas, dos negros e da história do Peru, subjugando-os como povos inúteis, principalmente os indígenas que, para ele, nem para escravo serviram. Em outro momento é relatado que Fujimori é apelidado de “perigo amarelo” pelos eleitores da Frente Democrática<sup>106</sup>.

<sup>100</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, 1991.

<sup>101</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 483.

<sup>102</sup> Tribuna da Imprensa, 19/04/1990.

<sup>103</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15/07/1990.

<sup>104</sup> Tribuna da Imprensa, 08/04/1990.

<sup>105</sup> Tribuna da Imprensa, 19/04/1990.

<sup>106</sup> Tribuna da Imprensa, 08/06/1990.

O Jornal do Brasil afirmava que uma militante da Frente Democrática gritava: “não podemos permitir que o nosso país tenha um presidente japonês”.<sup>107</sup> O general Morales Bermúdez, que foi presidente do Peru durante a ditadura militar, afirmou seu descontentamento com a eleição de Fujimori pois “as forças armadas têm seu nacionalismo”, ou seja, demonstra um desconforto em serem governados por um presidente nipo-peruano. Ricardo Bao afirma que:

En los barrios y colonias populares de la capital, se ratificó a Fujimori como el triunfador, no así en los barrios residenciales y de capas medias. Las razones, poses y habilidades polémicas del escritor, pesaron menos que la identificación y polarización de identidades en las figuras del “señor” Vargas Llosa y del “chinito” Fujimori.<sup>108</sup>

Fujimori era um migrante, a migração é uma das experiências mais marcantes na vida da maioria dos peruanos adultos. Na região conhecida como “trapecio andino” - Huancavelica, Ayacucho, Cusco, Apurímac y Puno - a diferença entre os candidatos foi enorme, 67% a favor de Fujimori contra apenas 14% a favor de Vargas Llosa.<sup>109</sup>

Segundo Klarén, tais atributos pessoais de Fujimori, seu estilo populista e o discurso de modernidade e tecnologia o aproximaram do eleitorado pobre.

Con miras a atraer a este electorado, Fujimori eligió como su candidato a la vicepresidencia a Máximo San Román, el presidente mestizo de la asociación de medianos y pequeños empresarios más importante del país. En campaña, «El Chino», como empezó a ser nombrado, se identificaba diestramente con la gente común, trazando un contraste pintoresco con su fino y aristocrático oponente Vargas Llosa y su círculo de asesores blancos.<sup>110</sup>

Ricardo Bao apresenta dados sobre a geografia eleitoral do Peru. Os resultados eleitorais do primeiro turno demonstraram que o sul da região andina, a mais afetada pela guerra interna e a mais próxima das esquerdas, optou por Fujimori. Os votos do candidato nipo-peruano ficaram entre 60% e 70% nesta região. Nos distritos operários de Lima (*Ate, Comas, Carabayllo, La*

---

<sup>107</sup> Jornal do Brasil, 10/06/1990.

<sup>108</sup> BAO, Ricardo Melgar. Religiosidad política y proceso electoral en el Perú. **Estudios Latinoamericanos**, núm.8, 1990, p. 56-66.

<sup>109</sup> DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo, 1991.

<sup>110</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 485.

*Victoria, Independencia, Rimac, San Martín de Porres, Surquillo, San Juan de Miraflores, El Agustino, Villa María del Triunfo e Villa El Salvador*), a preferência também foi por Fujimori, que ficou entre 45% e 65% dos votos. Já nos distritos residenciais e de classe média de Lima (Miraflores, San Isidro, Magdalena, San Borja, La Molina, Barranca e Chorrillos), a vitória de Llosa foi bastante significativa, ficando entre 50% e 75% dos votos.<sup>111</sup>

### 3.4 O Fator Religioso

Fujimori foi o principal nome da fundação do *Cambio 90*. Segundo Klarén:

*Fujimori organizó un partido político llamado Cambio 90, conformado por profesionales independientes y pequeños empresarios, muchos de los cuales eran protestantes evangélicos. Los evangelistas constituían apenas el cinco por ciento de la población peruana pero tenían el cuarenta por ciento del naciente partido, y llevaron a él sus técnicas misioneras de proselitismo casa por casa. Aunque Fujimori no tenía ninguna experiencia anterior en la política, leyó astutamente el deseo que el electorado tenía de caras nuevas.*<sup>112</sup>

Outro embate travado durante as eleições foi o religioso. O Peru é um país de maioria católica. Fujimori se aproximou das comunidades evangélicas que cresciam em ritmo acelerado no país, enquanto a população católica diminuiu. Vargas Llosa não escondia seu agnosticismo:

*Al incluir Fujimori en sus listas a algunos dirigentes de las crecientes comunidades evangelistas peruanas, la campaña electoral pronto se convirtió en una especie de “cruzada religiosa” entre los supuestos católicos de fredemo y los supuestos evangélicos de Cambio 90. La paradoja es que “durante la campaña electoral Fujimori alardeaba de su catolicismo y Vargas Llosa no escondía su convencido agnosticismo.*<sup>113</sup>

Llosa recebeu importante apoio da parte conservadora da Igreja Católica, com destaque do arcebispo Augusto Vargas Alzamora. Fujimori recebeu o apoio dos protestantes, especialmente do grupo que mais crescia no Peru nos últimos anos: os pentecostais. Além disso, os protestantes

<sup>111</sup> BAO, Ricardo Melgar, *op. cit.*, p. 64-65.

<sup>112</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*, p. 484.

<sup>113</sup> FONS, Antonio Gil, *op. cit.*, p. 92.

creciam especialmente em meio à população pobre. De um total de 160 pastores evangélicos que se candidataram a uma vaga no congresso, 47 pertenciam ao Cambio 90.<sup>114</sup> Um detalhe importante e ao mesmo contraditório, é que Llosa era declaradamente agnóstico, enquanto Fujimori era declaradamente católico.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> BAO, Ricardo Melgar, *op. cit.*

<sup>115</sup> KLARÉN, Peter, *op. cit.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Peru de 1990 é marcado pela alta inflação, crise social, política e econômica; desgaste com os partidos políticos tradicionais e com a política do governo García; e problemas com grupos subversivos como o Sendero Luminoso, que espalhava violência e causava insegurança ao povo peruano. Um tempo marcado pela angústia. Diante deste texto, pode-se concluir que a eleição peruana de 1990 foi marcada por reviravoltas. Tem-se um candidato famoso, conhecido internacionalmente, o grande favorito a vencer as eleições, Mario Vargas Llosa. E do outro lado, tem-se um candidato que, em apenas dois meses antes das eleições, era completamente desconhecido no mundo político, e se candidatou por um partido recém-criado, o engenheiro agrônomo Alberto Fujimori. A eleição de Vargas Llosa era tida como praticamente certa, a discussão estava mais em conjecturar se seria no primeiro ou segundo turno. Porém, durante a corrida surge uma pedra no caminho de Llosa.

Fujimori teve uma grande e rápida ascensão nas pesquisas de intenção de voto. Um dos fatores apresentados nos periódicos se encontra no desgaste dos partidos tradicionais da história do Peru, diante da má gestão e constantes envolvimento em corrupção e pela alta inflação. Outro fator reside na proposta política neoliberal de Mario Vargas Llosa. Nesse sentido, notamos que a crítica dos jornais diz mais respeito aos acontecimentos políticos e econômicos do Brasil que do Peru, já que o país se encontrava em um contexto de desenvolvimento do plano político-econômico que ficou conhecido popularmente como “Plano Collor”. Os periódicos também destacam o fator étnico na eleição de Fujimori. Por mais que ele seja descendente de japoneses, enquanto Vargas Llosa é peruano, o fator étnico acabou privilegiando Alberto Fujimori. O romancista é peruano, mas há anos residia na Europa, enquanto o fenótipo de Fujimori se assemelha ao do povo peruano, além da sua aproximação com a população mais pobre e andina durante a campanha. O público eleitor do candidato nissei era formado principalmente pelas classes mais baixas da sociedade, juntamente com indígenas e a população campesina e evangélica. Enquanto o público eleitor de Vargas Llosa era composto pela classe alta e média e impulsionado pelo empresariado, mas também conquistou setores populares de origem *criolla*. Fujimori se aproximou das comunidades evangélicas que cresciam em ritmo acelerado no país, enquanto o escritor não escondia seu agnosticismo. O candidato nissei acabou

recebendo o apoio da APRA e dos partidos da esquerda, enquanto Vargas Llosa foi bastante crítico durante a corrida presidencial.

Mesmo com a ascensão de Fujimori, Llosa não desanimou da sua possível eleição. O segundo turno, diferentemente do primeiro, foi marcado por incertezas. As intenções de votos permaneciam muito equilibradas. Por um momento, os periódicos relatam que Fujimori chegou a ultrapassar Vargas Llosa, e esse acabou ultrapassando o engenheiro dias depois. O romancista já não era mais o candidato absoluto como relatavam os periódicos no início da corrida presidencial, e o candidato obscuro já era uma realidade na história peruana. Segundo as pesquisas de opinião pública feitas por algumas agências até pouco antes do segundo turno eleitoral, o panorama não era muito claro ainda: algumas mostravam o triunfo de Vargas Llosa e outras o de Fujimori, quer dizer, aparentemente a população peruana ainda não havia se definido de forma evidente por uma das candidaturas. As pesquisas oficiais somente foram reveladas ao público depois das eleições, porque as leis peruanas proíbem propaganda política e divulgação de pesquisas em dias muito próximos de uma eleição. Porém, o resultado oficial da eleição demorou a ser divulgado, e isso representava um grande risco mediante a crise política, social e econômica que o Peru atravessava, qualquer erro poderia resultar em uma revolta popular. García e o ministro da defesa foram a público para negar os rumores de que ele pretendia dar um golpe de Estado.<sup>116</sup>

Por fim, deu zebra! A eleição resultou na vitória do engenheiro agrônomo e descendente de japoneses, Alberto Fujimori, candidato do partido fundado em 1989, o Cambio 90. Tomou posse como presidente em 28 de julho de 1990, derrotando o hoje Nobel de Literatura Mario Vargas Llosa. Os resultados finais resultaram em uma larga vitória de Fujimori com 57% dos votos contra 33,5% alcançados pelo escritor. O candidato nissei assumiu o Peru em meio à grave crise política, social, econômica e moral. A violência se tornava cada vez mais cotidiana, em especial com os grupos subversivos Sendero Luminoso e, em menor escala, Movimento Revolucionário Tupac Amaru. O Peru deixado por García estava em um estado verdadeiramente caótico, um grande desafio para o novato Fujimori.

---

<sup>116</sup> Tribuna Da Imprensa, 11/06/1990.

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia:

ABREU, Alzira Alves. “Introdução”. In ABREU, Alzira Alves (org.) **A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANSALDI, Waldo. “La democracia en América Latina, un barco a la deriva, tocado en la línea de flotación y con piratas a estribor. Una explicación de larga duración”. In ANSALDI, Waldo (org.). **La democracia en América Latina, un barco a la deriva**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, p. 88-113, 2006.

BAO, Ricardo Melgar. Religiosidad política y proceso electoral en el Perú. **Estudios Latinoamericanos**, núm.8, p. 56-66, 1990.

BATISTA, Paulo Nogueira; MARQUES, Maria Silvia Bastos. Proteccionismo dos países industrializados e dívida externa Latino-americana. **Rev. Adm. Empr.**, p. 36-47, 1987.

BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. Reformas neoliberais no Peru: crise do Estado, privatizações e autoritarismo político 1990-2000. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 6, p. 72-89, 2017.

CASTRO, L. B. de. “Privatização, abertura e desindexação: A primeira metade dos anos 90”. In: GIAMBIAGI, F. (org.). **Economia brasileira contemporânea (1945-2010)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COTLER, Julio. **Peru: classes, Estado e nação**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2006.

COTLER, Julio. “Perú, 1960-1990”. In BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina: los países andinos desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002.

DEGREGORI, Carlos Iván. **El surgimiento de Sendero Luminoso: Ayacucho 1969-1979**. Del movimiento por la gratuidad de la enseñanza al inicio de la lucha armada. Lima: IEP, 2011.

DEGREGORI, Carlos Iván; GROMPONE, Romeo. **Demonios y redentores en el nuevo Perú. Una Tragedia en dos vueltas**. Lima: IEP, 1991.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia”. In DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA,

Jorge (org). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2017.

DORIA, Wilfredo José Césare. **Fenômeno Fujimori: a conjuntura que construiu um presidente**. A experiência eleitoral peruana de 1990. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. In ABREU, Alzira Alves (org.) **A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FONS, Antonio Gil. El triunfo populista de Alberto Fujimori en Perú en el año de 1990. **InterNaciones**. Núm. 11, p. 83-94, 2017.

HANSEN, Eduardo Castro. **Cultura política y corrupción en la era del Gobierno de Fujimori y algunos rasgos del Gobierno de Toledo: 1990-2002**. Disponível em: [https://bora.uib.no/bitstream/1956/2446/1/Hovedoppgave\\_Hansen.pdf](https://bora.uib.no/bitstream/1956/2446/1/Hovedoppgave_Hansen.pdf). Acesso em: 14/03/2022.

HERZ, Mônica. “Política e relações internacionais no Peru”. In ARAÚJO, Heloísa Vilhena (org.). **Os países da Comunidade Andina**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, v. 2, 2004.

JIMÉNEZ BACCA, Benedicto. **Inicio, desarrollo y ocaso del terrorismo en el Perú: el abc del Sendero Luminoso**. Arequipa: Ediciones Rivadeneyra, 2019.

JORNAL DO BRASIL. FGV, 2009, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso em: 26 Mar. 2022.

KLARÉN, Peter. **Nación y sociedad en la historia del Perú**. Lima: IEP, 2010.

KRAUZE, Enrique. “Viaje al interior de Mario Vargas Llosa”. **Letras Libres**, p. 6-16, nov. de 2010.

LLOSA, Mario Vargas. **El pez en el agua**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A, 1993.

LUCA, Tânia Regina de. “Fontes Impressas: História Dos, Nos e Por Meio Dos Periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTÍNEZ RANGEL, Rubí; SOTO REYES, Garmendia Ernesto. El Consenso de Washington: la instauración de las políticas neoliberales en América Latina. **Revista Política y Cultura**, núm. 37, pp. 35-64, 2012.

SANTANDER, Carlos Ugo. “As eleições presidenciais e parlamentares em 2006 no Peru”. In SANTANDER, Carlos Ugo; PENTEADO, Nelson Freire. **Os processos eleitorais na América Latina (2005-2006)**. Brasília: LGE editora, 2008.

SIQUEIRA, Luana Souza. Desenvolvimento e pobreza: uma análise crítica. **Temporalis**, n. 24, p. 353-384, 2012.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **FGV**, 2009, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>. Acesso em: 28 Mar. 2022.